



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|---|---|---|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input checked="" type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Perceber e apreender as cidades: a experiência da disciplina Viagem de Estudos do CAU/UFPE

*Understanding the cities: the experience of the discipline Travel of Studies from
CAU/UFPE*

*La comprensión de las ciudades: la experiencia de la disciplina de Viaje de Estudios del
CAU / UFPE*

ARAUJO, Cristina Pereira de (1);

FREITAS, Maria Luiza (2)

(1) Professora Doutora, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE – CAC - DAU, Recife, PE, Brasil; email:
crisaraujo.edu@gmail.com

(2) Professora Doutora, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE – CAC - DAU, Recife, PE, Brasil; email:
arquitetamalufreitas@gmail.com



Perceber e apreender as cidades: a experiência da disciplina de Viagem de Estudos do CAU/UFPE

Understanding the cities: the experience of the discipline Travel of Studies from CAU/UFPE

La comprensión de las ciudades: la experiencia de la disciplina de Viaje de Estudios del CAU / UFPE

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar os procedimentos metodológicos e os resultados alcançados pela disciplina eletiva Viagem de Estudos I, implantada dentro do novo projeto pedagógico do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco e que teve sua primeira oferta no primeiro semestre de 2013. Organizada para ocorrer em quatro finais de semana prolongados (sexta-feira, sábado e domingo), a disciplina se propôs a visitar quatro capitais nordestinas: Recife, João Pessoa, Natal e Maceió. A proposta foi que os alunos apreendessem as cidades sob quatro eixos de análise: intervenções em centros históricos (eixo 1), produção do espaço intraurbano (eixo 2), produção do espaço na orla (eixo 3) e arquitetura contemporânea (eixo 4). O exercício final resultou na comparação das cidades entre si, buscando-se identificar similaridades e diferenças para cada um dos eixos estudados.

PALAVRAS-CHAVE: Produção do espaço, gentrificação, intervenção urbana, patrimônio, turismo

ABSTRACT

This article aims to present the methodology and the final results by the elective course "Travel of Studies I" which it belongs to the new pedagogical project from the course of Architecture and Urbanism at University Federal of Pernambuco. It was offered for the first time in 2013. The discipline was organized to occur in four long weekends to visit four capital of Northeast of Brazil: Recife, João Pessoa, Natal and Maceió. The propose was that the students apprehend the cities through four axis: intervention in historical center (axis 1), production of urban space (axis 2), production of coastline space (axis 3) and contemporary architecture (axis 4). As a result was made a comparison between cities through a poster identifying the similarities and differences for each axis which have been studied.

KEY-WORDS: Production of space, gentrification, urban intervention, patrimony, tourism

RESUMEN

El presente artículo presenta los procedimientos metodológicos y resultados consecuentes de la materia electiva "Viaje y Estudios I", implementada dentro del nuevo proyecto pedagógico del programa de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Pernambuco, ofrecido por primera vez en el primer semestre de 2013. Programada para tener lugar durante cuatro fines de semana, incluido viernes, el curso se propuso visitar cuatro capitales modernas: Recife, João Pessoa, Natal y Maceió. El objetivo de la propuesta era que los estudiantes aprendieran de las ciudades bajo cuatro ejes analíticos: intervenciones en centros históricos (eje 1); producción del espacio intraurbano (eje 2); producción del espacio en el borde de mar (eje 3) y arquitectura contemporánea (eje 4). El ejercicio final comportó la comparación de estas ciudades entre sí, buscando identificar similitudes y diferencias en cada uno de los ejes estudiados.

PALABRAS-CLAVE: Producción espacial, gentrificación, intervención urbana, patrimonio, turismo



1 INTRODUÇÃO

A disciplina de Viagem de Estudos é uma disciplina eletiva implantada dentro do novo projeto pedagógico do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco e sua primeira oferta ocorreu no primeiro semestre de 2013. A proposta diferenciada de apreender in loco os processos de estruturação e da produção do espaço intraurbano, bem como a produção arquitetônica a este associado, tem a intenção de desenvolver maior capacidade crítica do discente, bem como a visualização, na prática, das teorias aprendidas em sala de aula nas disciplinas correlatas.

Para tanto, a disciplina está organizada em doze visitas guiadas por quatro capitais da Região Nordeste do Brasil. Para cada capital estudada, são três dias de visitas que contemplam os seguintes eixos de estudo: intervenções em centros históricos, estruturação do espaço intraurbano, produção do espaço na orla, produção arquitetônica contemporânea.

Para cada um dos eixos de estudo é dado previamente um referencial teórico no intuito de direcionar a observação em campo. São realizados contatos prévios com as Universidades Federais locais que dispõem de professores e pesquisadores que auxiliam na realização dos percursos bem como na indicação de bibliografias específicas da dinâmica de cada cidade.

Nas duas primeiras edições da disciplina, ambas em 2013, foram estudadas as seguintes capitais: Recife, João Pessoa, Maceió e Natal, seguindo-se rigorosamente a mesma abordagem para cada uma delas, no intuito de que os alunos pudessem realizar comparações entre as cidades, segundo cada eixo, cuja metodologia de análise passamos a descrever.

2 EIXO: INTERVENÇÕES EM CENTROS HISTÓRICOS

O primeiro eixo a ser realizado é o de *intervenções em centros históricos*, o qual tem como premissa o estudo das práticas de conservação e de restauro do patrimônio construído. A atividade conta com a participação de professores das Universidades locais, além de palestras ministradas por representantes dos órgãos de preservação, tais como IPHAN, o órgão estadual de preservação e do municipal. Deste modo, são abarcadas as principais diretrizes de preservação dos centros históricos, mostrando as singularidades e destacando as diferenças no processo de preservação de cada cidade. Tal metodologia possibilita ao discente vislumbrar a riqueza de abordagem de um tema que parece estanque, só que não o é.

Cada uma das quatro capitais visitadas persegue paradigmas diferenciados e as ações de restauro no patrimônio construído e nos sítios históricos, que divergem pela prática, pelo âmbito que atua – municipal, estadual e federal – e pelas ferramentas. Enquanto, por exemplo, em Maceió, o IPHAN-AL tomba o conjunto urbano do bairro do Jaraguá, principalmente o eixo da rua Sá e Albuquerque, com o objetivo de preservar as características urbanas e sobretudo, edíficas, Recife possui uma complexa legislação em todos os âmbitos, os quais trabalham com parâmetros diferentes que se sobrepõem no intuito de preservar os conjuntos e as edificações históricas. É desta confrontação entre diferenças e semelhanças entre as ações de intervenção nos centros históricos que o discente apreende a sua complexidade.

A temática das intervenções nos centros históricos no Brasil e no mundo em geral é complexa,



norteada por diretrizes relacionadas em tratados teóricos de restauro e conservação, em cartas patrimoniais e em legislações do âmbito nacional, estadual e municipal. Cabe ao órgão responsável eleger os princípios que balizam a sua ação. Para que o discente possa se aproximar de cada uma dessas práticas, em cada uma das cidades estudadas – Maceió, João Pessoa, Natal e Recife – se percorre o centro histórico com um guia que dota de uma visão técnica os aspectos visíveis visitados.

Maceió¹ apresenta aspectos de uma cidade planejada e recente. O centro histórico conservado localiza-se no bairro do Jaraguá, onde estava implantado um dos principais portos de escoamento da produção da indústria algodoeira do Estado. A proteção ocorre pela delimitação de um eixo, o da rua Sá e Albuquerque, conforme já mencionado, em que estão implantados edifícios que representaram instituições de renome, como o da Associação Comercial de Alagoas, da Capitania do Porto, etc. Neste contexto urbano, cada uma das edificações foi restaurada por técnicos da superintendência do IPHAN-AL, a partir das considerações da Teoria da Restauração de Cesare Brandi e das teorias da Carta de Restauro Italiana, de 1972. As diferenças entre a teoria colocadas por Brandi e da orientação prática da Carta são abordadas na palestra do técnico Sandro Gama, que se refere tanto a teoria quanto à carta.

Já na capital paraibana, João Pessoa, o centro histórico foi tombado a partir da participação popular. A topografia em que se implanta a cidade é bem acidentada sendo que inicialmente, ela se desenvolve voltada para o rio Paraíba, estando as primeiras edificações localizadas nos pontos mais altos dos morros. De um lado, a área comercial próxima a Estação ferroviária e do porto, e do outro, as ordens religiosas. O processo participativo ajudou a formar técnicos especializados na conservação dos bens protegidos e até hoje, existe uma escola de ensino dos ofícios de restauro, a Oficina-Escola de João Pessoa. O discente apreendeu estes aspectos pela palestra de um técnico do IPHAN-PB.

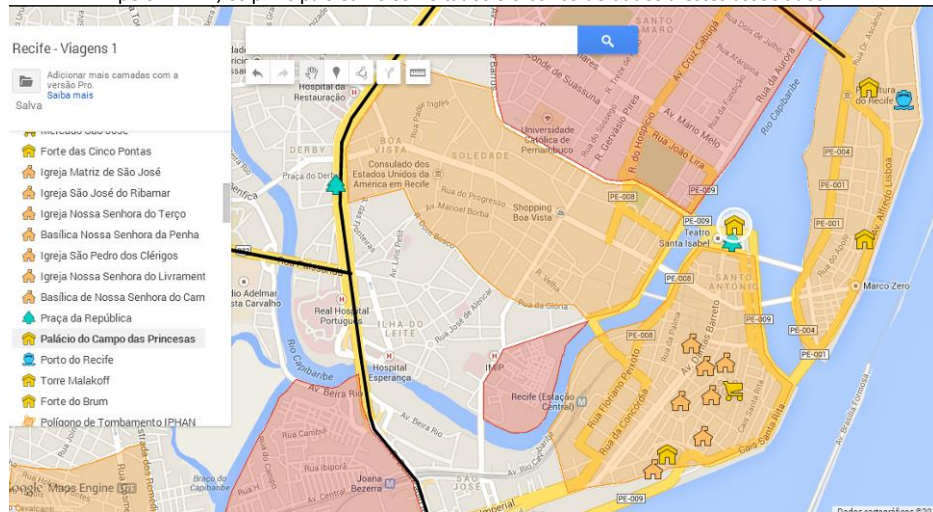
Já Natal tem o seu centro histórico tombado parcialmente pelo IPHAN-RN. A visita acontece com a realização de um percurso pelas principais ruas do centro até o bairro da Ribeira, local de fundação da cidade voltado para o rio Potengi. É realizado com auxílio de professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRN, se abordando os aspectos históricos e as principais ações de proteção e conservação da área tombada com o suporte de material produzido pelo órgão federal.

Na cidade de Recife, as ações de proteção e preservação dos centros históricos acontece nos três âmbitos – nacional, estadual e municipal – de forma separada que se sobrepõe em alguns momentos. Enquanto que no IPHAN, se trabalha com a ferramenta do tombamento, no DPPC (Departamento de Preservação do Patrimônio Construído) da Prefeitura da Cidade do Recife, se preserva as características principais em zonas de preservação rigorosa (conforme as delimitações colocadas no Plano Diretor) e pela proteção dos imóveis históricos, os IEPs (Imóveis Especiais de Preservação). Para o aluno apreender tal complexidade se optou pela abordagem de uma área, a do Bairro do Recife. Se organizou uma palestra com a participação de representantes do IPHAN-PE e do DPPC, e também de um docente do DAU-UFPE. Eles puderam ver cada uma das questões que norteia as ações de cada instância juntamente com uma postura crítica e analítica proporcionada pela disciplina.

¹ Maceió, capital do Estado de Alagoas foi fundada no século XIX, com a criação da província pela sua separação da de Pernambuco, após a Revolução dos Padres de 1817.

Munidos por este repertório, o discente está apto a produzir mapas no Google Engine demarcando as áreas de tombamento / preservação, pontos que representam as edificações preservadas visitadas e o percurso realizado (figura 1).

Figura 01: Mapa do centro histórico de Recife elaborado no Google Maps Engine contendo o polígono de preservação delimitado pelo IPHAN, os principais edifícios visitados e o banco de dados a estes associados.



Crédito: Aluna Yanne Pereira de Andrade, 2014.

3 EIXO: PRODUÇÃO DO ESPAÇO INTRAUBANO

No segundo dia de viagem, os alunos realizam um percurso de ônibus pelos principais eixos estruturantes da cidade, tomando como início do percurso o seu centro histórico, visitado no primeiro dia. Procura-se demonstrar na prática, as teorias de produção do espaço intraurbano, localização e segregação socioespacial apresentadas por Villaça (2001).

Parte-se do pressuposto, portanto, que as cidades brasileiras atendem a um mesmo padrão de estruturação do espaço, a partir de seu centro, comandado pela elite local que irá determinar os lugares a serem ocupados por ela, classes de camada de alta renda, em detrimento às classes populares. Essa geografia da produção do espaço pode ser mapeada a partir do reconhecimento dos seus eixos estruturantes e identificação de seus centros e subcentros.

Segundo a teoria do autor em questão, as elites ao se movimentarem e produzirem novos espaços – num claro movimento aliado ao mercado imobiliário que não por acaso faz parte dessa elite – levam consigo seus equipamentos e estruturas principais, criando assim novas centralidades. Nesse movimento, quando o centro começa a ser ocupado pelas classes populares, ele deixa de ser “centro” e passa a ser reconhecido como “centro velho”, “degradado”.

A produção do espaço pelas (e para) as camadas de alta renda ocorre a partir da determinação de localizações que contabilizam o deslocamento e a acessibilidade ao centro, bem como a capacidade de aglomeração do ponto (da localização). Daí a definição de eixos estruturantes que acabam por determinar o padrão de segregação socioespacial das cidades brasileiras: as camadas de alta renda sempre terão suas localizações privilegiadas em relação aos quesitos acessibilidade e capacidade de aglomeração. Diametralmente oposto, as localizações produzidas para as camadas populares encontram maiores dificuldades de transporte e acessibilidade. Os subcentros que atendem as camadas populares não são os mesmos

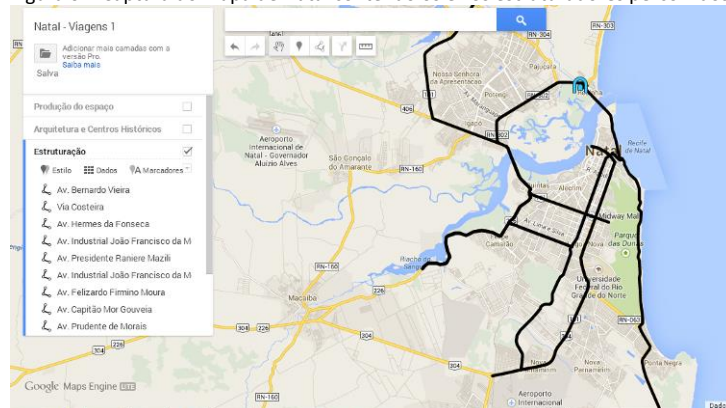
frequentados pelas camadas de alta renda, o que marca claramente a segregação socioespacial: eixos estruturantes que separam zonas residenciais distintas e seus diferentes centros.

Esse padrão de ocupação brasileiro tem forte relação com a desigualdade de renda que historicamente produz e reproduz a segregação socioespacial gerando, inclusive, grandes bolsões de pobreza em áreas periféricas e ambientalmente frágeis em detrimento à ocupação de áreas mais nobres pela elite local. O cruzamento com dados socioeconômicos compilados a partir do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), notadamente a faixa de renda e situação domiciliar, permite o mapeamento da segregação socioespacial a partir do entendimento dos eixos estruturadores que separam as zonas de camadas de alta renda das demais.

Para atestar a recorrência deste padrão de ocupação, os alunos vão a campo de posse de mapas turísticos. O percurso sempre parte do centro e, com o auxílio de um pesquisador local, inicia-se o relato sobre a história de ocupação da cidade a partir da leitura do sistema viário, ou seja, da acessibilidade ao centro e da construção de subcentros.

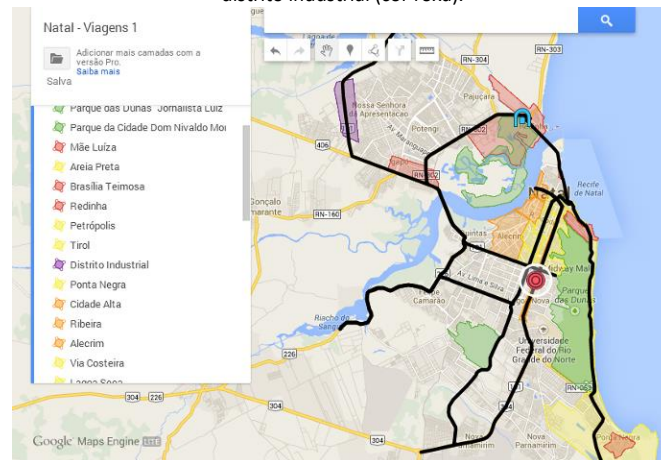
O processo de apreensão e percepção das cidades visitadas pelos alunos começa pela leitura do mapa turístico que, propositalmente, pede-se para que eles peguem no meio de hospedagem. Já no início do percurso ou na metade, dependendo da cidade, os alunos percebem que o mapa não condiz com a realidade visitada: as áreas periféricas não constam do mapa e eles precisam lançar mão de sistema GPS para capturar os pontos visitados. No caso de Maceió, o mapa turístico refere-se ao litoral alagoano, ou seja, não há menção de nenhum ponto de interesse na cidade que não seja suas praias e as praias vizinhas. O uso do software livre Google Maps Engine permite aos alunos a importação dos pontos e reconstrução do percurso por camadas: eixos estruturadores (figura 2) e zonas, de alta renda e popular, centros e subcentros (figura 3). Além de permitir a inserção de informações (figura 4).

Figura 02: Captura do mapa de Natal contendo os eixos estruturadores percorridos.



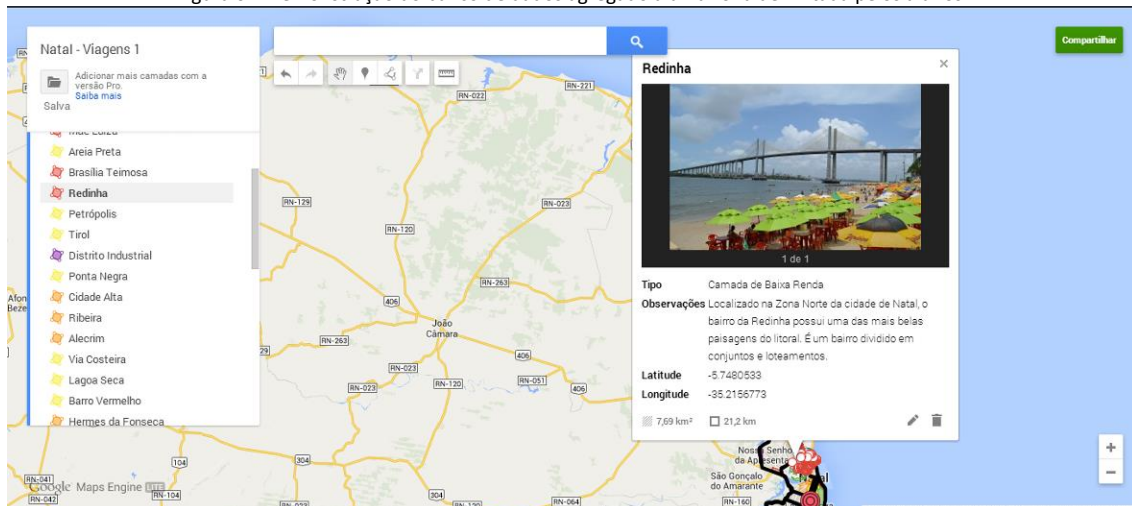
Crédito: Aluna Yanne Pereira de Andrade, 2014.

Figura 03: Delimitação das camadas de alta renda (cor amarela), populares (cor vermelha), centros e subcentros (cor laranja) e distrito industrial (cor roxa).



Crédito: Aluna Yanne Pereira de Andrade, 2014.

Figura 04: Demonstração do banco de dados agregado a uma zona delimitada pelos alunos.



Crédito: Aluna Yanne Pereira de Andrade, 2014.

4 EIXO: PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA ORLA

Em relação à produção do espaço na orla, torna-se fator preponderante a compreensão da atuação das políticas públicas federais de turismo que a partir dos anos 1990 foram determinantes na provisão de infraestrutura para os lugares com potencial turístico, notadamente o PRODETUR/NE² (Programa de Desenvolvimento do Turismo para o Nordeste). Tais políticas, associadas ao processo de estruturação do espaço intraurbano específico de

² Criado pela Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste) e pela Embratur, através da Portaria Conjunta nº 1, de 29 de novembro de 1991, o Prodetur/NE envolveu a participação de quatro Ministérios e da Presidência da República (gestão Collor de Mello). Sua abrangência compreendia todos os estados nordestinos e a região norte do estado de Minas Gerais (por conta da jurisdição da SUDENE). Os objetivos gerais consistiam em reforçar o potencial turístico da região Nordeste através dos investimentos em infraestrutura básica e serviços públicos em áreas com potencial turístico. Os objetivos específicos vão da atração de atividades turísticas privadas de melhor padrão à geração de oportunidades de emprego e melhora dos níveis de renda, propiciando inclusive, a oferta de serviços de abastecimento de água, esgoto e pavimentação às regiões atendidas pelo Programa (Araujo, 2012).

cada lugar, acabam por gerar conflitos entre usos pré-existentes, remetendo a um uso da orla quando esta ainda não era valorizada por suas elites. Se anteriormente a orla era ocupada por atividades menos nobres como o porto, indústrias e pescadores, a partir dos anos 1980, ocorre uma valorização intensa da orla nas cidades nordestinas e conseqüentemente, uma migração de suas elites, o que tem gerado conflitos entre permanências (rugosidades) e novos usos para a orla, onde o plano diretor de cada cidade acaba sendo o retrato fiel das forças dominantes.

Como referencial teórico, além da contextualização acerca das políticas públicas de turismo amplamente discutidas por Araujo (2011, 2012, 2013) e Cruz (2007, 1999), trabalham-se com os alunos os conceitos de horizontalidade, verticalidade e rugosidade, teorizados por Milton Santos ao longo de sua obra. Para Santos (2006:106; 2006a: 108, 110):

As verticalidades podem ser definidas, num território, como um conjunto de pontos formando um espaço de fluxos. (...) Esse espaço de fluxos seria, na realidade, um subsistema dentro da totalidade-espaço, já que para os efeitos dos respectivos atores o que conta é, sobretudo, esse conjunto de pontos adequados às tarefas produtivas hegemônicas, características das atividades econômicas que comandam este período histórico.

As horizontalidades são zonas de contigüidade que formam extensões contínuas. (...) São contraracionalidades, isto é, formas de convivência e de regulação criadas a partir do próprio território e que se mantêm neste território a despeito da vontade de unificação e homogeneização típica das verticalidades. A presença dessas verticalidades produz tendências à fragmentação, com a constituição de alvéolos representativos de formas específicas de ser horizontal a partir das respectivas particularidades.

Para Milton Santos, o espaço e conseqüentemente sua produção, é marcado por objetos técnicos de diferentes idades, oriundos de diferentes eventos. A forma de combinação destes objetos, presente e passado, é o que Milton Santos, define como rugosidade. *“Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas substituem e acumulam em todos os lugares.”* (Santos, 2006:140).

Em campo, nas quatro cidades visitadas, os alunos puderam perceber e registrar os conflitos entre verticalidades e horizontalidades na ocupação orla, as diferentes formas de ocupação e as tendências de segregação socioespacial, evidentes na Reserva do Paiva e orla de Boa Viagem em Recife (figuras 5 e 6) em contraponto às permanências (rugosidades/horizontalidades) presentes no distrito da Penha, em João Pessoa (figura 7), onde os moradores conseguem conviver sem a presença de externalidades. A captura de pontos através de GPS, registro fotográfico e desenhos também possibilitou aos alunos a entrada de dados no Google Maps Engine (figura 8).

Figura 05: Segregação socioespacial no bairro de Boa Viagem - Recife: na orla prédios altos impedem qualquer permeabilidade visual com as quadras posteriores.



Crédito: Cristina Araujo em 2013.

Figura 06: Condomínio Reserva do Paiva em Cabo de Santo Agostinho/PE: novo destino da elite pernambucana. As cercas elétricas e o portão de acesso insinuam o uso exclusivo da praia por seus seletos moradores.



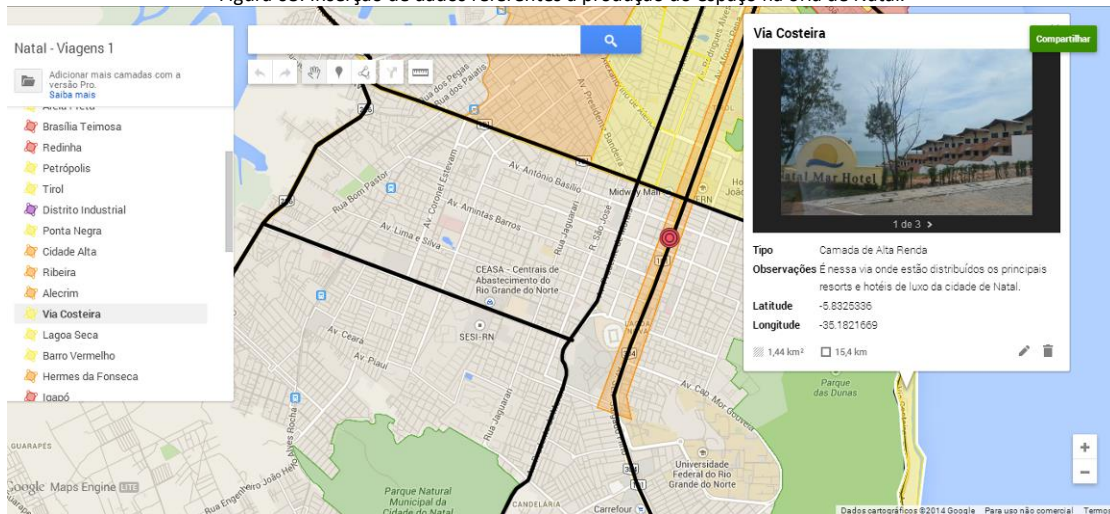
Crédito: Cristina Araujo em 2013.

Figura 07: Distrito da Penha em João Pessoa, formado em função da Igreja Nossa Senhora da Penha. Ao lado da Praia do Seixas.



Crédito: Cristina Araujo em 2013.

Figura 08: Inserção de dados referentes à produção do espaço na orla de Natal.



Crédito: Yanne Pereira de Andrade, 2014.

5 EIXO: PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA CONTEMPORÂNEA

No eixo *produção da arquitetura contemporânea*, último eixo da disciplina, o discente realiza um percurso guiado por um arquiteto local que perpassa por obras de arquitetura contemporânea. Algumas são obras que possuem uma projeção na cidade e no mundo globalizado, como parques, centros culturais e museus, e estádios de futebol, e outras que dominam uma escala menor, a do bairro, da rua e do terreno, como casas residenciais e centros comunitários. Por fim, trata-se de uma produção diversificada, que denota como a arquitetura contemporânea ganhou um significado mais imagético, num jogo de marketing urbano inserido no contexto mais amplo da “cidade global”, como definido pela socióloga Saskia Sassen e deixou de ter uma função social.

Como as quatro capitais visitadas são locais, em níveis distintos, de Turismo de Sol e Praia relacionado às atividades turísticas de recreação, entretenimento ou descanso em praias, em função da presença conjunta de água, sol e calor, a arquitetura contemporânea produzida, sobretudo, busca configurar uma imagem – muitas vezes fictícia – pautada nas tradições culturais e/ou populares, para projetar uma cidade singular, contudo global. Ou seja, se vende uma imagem de cidade, que não é voltada para o bem estar de seus próprios cidadãos.

A partir da inserção da arquitetura nesta complexa rede de turismo, ela se torna estandarte deste discurso, em que o cliente, muitas vezes é o Estado, no caso, a Prefeitura, que busca em arquitetos de renome nacional, e as vezes internacional, a produção de obras arquitetônicas monumentais, chamarizes de investimentos e produtores de gentrificação dos espaços urbanos. Confundem-se, neste termos, as ações de marketing, de turismo e da produção da arquitetura, que determinam a inserção do centro urbano no mundo globalizado.

Em visita às quatro cidades, os discentes puderem vislumbrar esta retórica em ação. Maceió, uma das principais capitais nordestinas de turismo de sol e praia, juntamente com Natal, Fortaleza e Salvador, se percebe a preocupação da atual gestão municipal em dotar a cidade de uma imagem, a de “Caribe brasileiro” e “Paraíso das águas”. A arquitetura contemporânea produzida é calcada nos edifícios da rede hoteleira e restaurantes temáticos (Figura 9), em monumentos que homenageiam políticos do Estado e museus que funcionam nos antigos palacetes. Estes últimos foram visitados pelos discentes no eixo 1.

Figura 09: Restaurante típico de comida local em Maceió.



Fonte: Maria Luiza de Freitas, 2013.

Existe em comum às quatro cidades estudadas, inseridas dentro deste processo de globalização descrito acima, a existência de uma obra do arquiteto Oscar Niemeyer. No caso de Maceió, trata-se do Monumento à Teotônio Vilela; para João Pessoa, a Estação Cabo Branco; em Recife, o Parque Dona Lindu; e em Natal, o Parque da Cidade Dom Nivaldo Monte. Além da assinatura de um arquiteto reconhecido tanto nacionalmente, e principalmente internacionalmente, há em comum o período da construção de cada um destas obras ter sido realizado nos últimos dez anos. São obras que apresentam complicações de inserção urbana e paisagística e sobretudo de construção, já que se comprou uma marca (ou um *branding*) do Oscar Niemeyer, o qual não conheceu a cidade, seu contexto climático, cultural e social para projetar tais edificações.

A produção da arquitetura contemporânea está de acordo com esta ideia de “cidade global” associada a uma imagem de “turismo de sol e praia”, contudo, se observa nas cidades que foram sede de jogos da Copa do Mundo, uma transformação nos seus eixos estruturantes, com a construção de sistemas de BRT e a construção de estádios novos. Um caso interessante foi o de Natal, em que o antigo estádio de futebol “João Machado”, conhecido como “Machadão” foi demolido para a construção da Arena das Dunas. Concomitantemente a essa mudança espacial e arquitetônica de Natal, se realizava o projeto de um centro comunitário para a comunidade de Mãe Luíza, conhecida pela sua resistência em permanecer em um local de valorização fundiária, próxima à Via Costeira. Para tal projeto foi convidado o escritório suíço Herzog & De Meuron, um dos principais escritórios de arquitetura do mundo, que projetaram em conjunto com uma equipe brasileira de arquitetos, um edifício de alta qualidade arquitetônica, que foi nomeado de Arena do Morro (Figura 10). Os discentes puderam conhecer a obra, já na sua etapa de acabamento, juntamente com o arquiteto Lúcio Dantas, responsável pelo gerenciamento da obra, acompanhado de um arquiteto do escritório GA.

Figura 10: Arena do Morro.



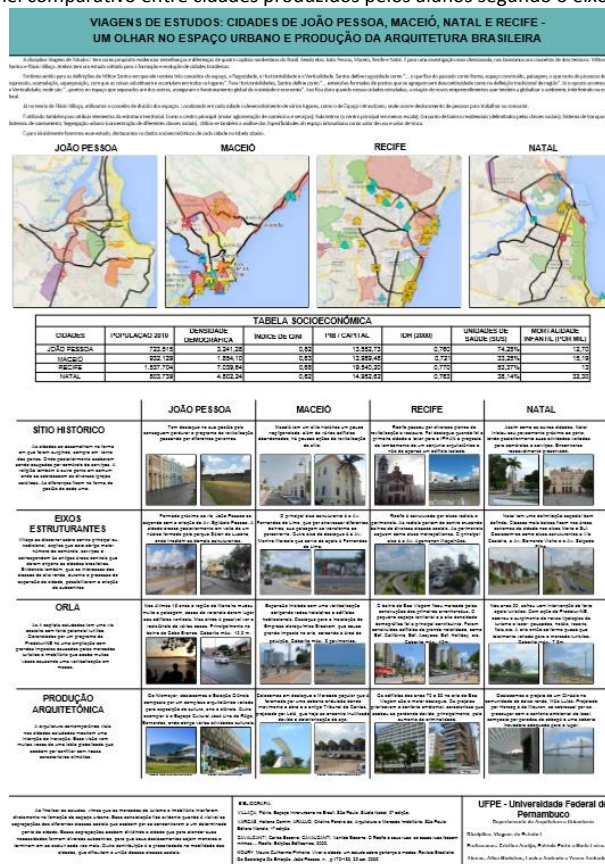
Fonte: Maria Luiza de Freitas, 2014.

O eixo 4, portanto, busca que o aluno possa estudar em loco, as principais obras arquitetônicas realizadas nos últimos 50 anos nas cidades de Maceió, João Pessoa, Natal e Recife. Percebe-se um movimento recente de produção de centros culturais, museus e equipamentos turísticos inseridos nos centros históricos, que partem do restauro ou da reforma de edificações históricas. Este processo faz parte do planejamento estratégico das cidades estudadas com o objetivo de transformar a cidade em um local de atrativo, seja ele turístico, seja ele de negócio (este último, o caso de Recife). A arquitetura passa a ser uma ferramenta na ação do marketing. Contudo, se fizermos um paralelo com o eixo 3, se percebe que, na realidade, este processo gera a segregação espacial da população.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finda as atividades nas quatro cidades, os alunos preparam painéis (figura 11) onde identificam similaridades e diferenças na produção do espaço, segundo os quatro eixos estudados. Os trabalhos e relatos são muito significativos. A grande maioria relata que já conhecia as cidades visitadas, mas não com o olhar proposto pela disciplina. *“Já conhecia a cidade de Natal, tenho familiares lá. Não gostei do vi que dessa vez, é uma outra cidade”*. Esse é o depoimento de uma aluna e que resume a objetivo da disciplina: aguçar o olhar crítico, reconhecer na prática, in loco, as teorias estudadas e perceber que planejar cidades melhores e mais igualitárias passa pelo entendimento e compreensão do modo de produção ao qual as cidades (e os arquitetos) se submetem.

Figura 11: Painel comparativo entre cidades produzidos pelos alunos segundo o eixo de intervenção.



Crédito: Aluna Aline Cabral Medeiros



AGRADECIMENTOS

Agradecemos a contribuição de nossas monitoras da disciplina de Viagem de Estudos I: Aline Cabral Medeiros, Louise Marie Silva Andrade e em especial Yanne Pereira Andrade, pelo precioso levantamento de dados e confecção dos mapas no Google Maps Engine para este trabalho.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, C.P. "Investimentos imobiliários e meios de hospedagem". In: Vargas, H.C. ARAUJO, C.P. *Arquitetura e Mercado Imobiliário*. Barueri, São Paulo, Manole, 2014.
- ARAUJO, C.P.; VARGAS, H.C. Sorria: você está na Bahia. A urbanização e a turistificação do litoral baiano. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território*, n.º 1 (Junho). Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, 2013 pp. 23 – 41. Disponível em www.cegot.org.
- ARAUJO, C.P. "Da Embratur à Política Nacional de Turismo". *Revista Pós*, v.19 n.31. São Paulo, FAUUSP, junho 2012, p 146- 162.
- ARAUJO, Cristina Pereira de. *Terra à vista! O litoral brasileiro na mira dos empreendimentos turísticos imobiliários*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2011. 368p. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16139/tde-19012012-140819/>>
- CRUZ, R. C. A. Coord.). *Geografias do Turismo: de lugares a pseudo-lugares*. São Paulo: Roca, 2007. 140p.
- CRUZ, R. C. A. "Políticas de Turismo e (re)ordenamento de territórios no litoral do Nordeste do Brasil". 1999, 203p. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1999.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, Edusp, 2006.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro, Record, 2006a.
- SASSEN, S. Escala e amplitude num mundo digital global. In: SYKES, K. A.(org.). *O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica 1993-2009*. trad. BOTTMANN, D. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- VILLAÇA, F. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 2001.